

SOCIOLOGIA INDUSTRIAL: Uma abordagem histórica

Annahid Burnett¹

Resumo

O objetivo deste artigo é apontar o surgimento da sociologia industrial dentro do arcabouço teórico e metodológico da sociologia e seu posterior desenvolvimento. A pesquisa bibliográfica concerne obras originais deste campo acadêmico, até então não traduzidas para o português, no intuito de aprofundar o conhecimento sobre a disciplina sociologia industrial dentro da academia. Estruturamos o trabalho a partir da evolução contextual e histórica pertinente ao nosso objeto de pesquisa.

Palavras-chave: sociologia; educação acadêmica; trabalho na indústria.

Abstract

This paper aims to point the emergency of industrial sociology in the theoretical and methodological thought of sociology as well as its development *a posteriori*. The bibliographic research concerns original works in this academic field not yet translated into Portuguese, with the interest of search deeper knowledge about the industrial sociology discipline in the academy. We structured this work following the contextual and historical evolution concerning our object of research.

Keywords: sociology; academic education; industrial labor.

¹ Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba. Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande, PB. Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, Licenciatura em Sociologia, Professora da disciplina Sociologia Industrial. aburnett8@hotmail.com; aburnett8@gmail.com

Introdução

A Sociologia em geral tem pontos em comum com outras disciplinas. Quando o objeto de estudo da sociologia é a indústria, constitui-se como ciência paralela à Psicologia Industrial e da mesma maneira se concentra no indivíduo que trabalha na indústria e focaliza os fatores sociais da indústria. Da mesma forma, a teoria neste campo deve explicar e unificar os dados colhidos, como a pesquisa deve testar a validade das hipóteses ou dos pressupostos traçados pela teoria. As técnicas sociológicas empregadas pela Sociologia Industrial são as mesmas da Sociologia em geral, adaptadas para as exigências específicas do fenômeno industrial. A pesquisa sociológica emprega diversas técnicas, como a investigação através de questionários e roteiros, a observação participativa, exame documental de arquivos, a experimentação, grupos de discussão, etc. A técnica aplicada a cada estudo em particular deve ser determinado pelo objeto. Por exemplo, grupos pequenos através da experimentação, assim como a ideologia do patronato através da observação ativa ou da entrevista e as oportunidades de trabalho através de roteiros ou questionários. Os dados obtidos através dos métodos citados podem receber um tratamento estatístico por técnicas quantitativas ou por recursos não quantitativos. De qualquer maneira, uma pesquisa sociológica para ter significação deve ser orientada por um corpo teórico, e, como é natural, a pesquisa pode demandar modificações teóricas, o que constitui o cerne da ciência (SCHNEIDER, 1976).

Para Aron (1981, p. 73), a definição mais elementar da sociedade industrial é: “a sociedade onde a indústria seria a forma de produção mais característica. Uma sociedade industrial seria aquela onde a produção se realiza em empre-

sas”. Continuando com Aron (1981, p. 73) “a empresa industrial introduz um modo original de divisão de trabalho, um tipo de divisão interno à empresa, uma divisão tecnológica do trabalho, que é uma das características industriais modernas”.

Nesta perspectiva, observamos que existe um consenso na bibliografia especializada na área da sociologia industrial, sobre a origem da disciplina como campo especializado, que foi a partir dos experimentos desenvolvidos na Western Electric Company em Chicago entre os anos de 1924 e 1927, MILLER & FORM (1964); GOULDNER (1946); GRINT (1998); PINTOR (1995); ROSE (1975).

De acordo com Aron (1981), quando os métodos quantitativos se desenvolveram, a sociologia ganhou um caráter analítico e empírico e começam a aparecer as especialidades. Segundo Pintor (1995), apesar de a investigação empírico-industrial remontar dos últimos anos do século XIX, tanto na França, como na Bélgica, Inglaterra e Estados Unidos, mas, principalmente na Alemanha, os experimentos de Hawthorne nos anos 1920 foram cruciais para a afirmação da Sociologia industrial. Para Pintor (1995) os trabalhos de maior relevância histórico-científica são os de Levenstein e os de Weber, na Alemanha, apesar da pertinência das investigações do governo francês pós-revolução de 1848 sobre as condições dos trabalhadores, incluindo a tentativa falha de investigação sobre os operários, de Marx na França. Devemos lembrar também os estudos promovidos por médicos voluntários da Comissão Real Britânica, na Inglaterra, através de oficinas a partir de métodos da observação direta. Também relevante é o estudo de Booth sobre as classes baixas de Londres e em seguida os estudos que se realizaram nos Estados Uni-

dos no fim do século XIX, seguindo o modelo de Booth: a pesquisa de Adams sobre as classes baixas de Chicago e o trabalho de DuBois sobre os negros da Filadélfia (PINTOR, 1995).

A Alemanha seguiu o modelo de pesquisa francês de observação direta, talvez porque a organização burocrática do Reichstag, pioneira desses trabalhos, pudesse garantir a eficácia na aplicação dos questionários. A primeira pesquisa foi feita em 1875 seguindo os modelos franceses e em 1890 seguiu-se um estudo de observação participante em uma fábrica e depois uma pesquisa em colaboração com Max Weber. Em 1872 foi fundada a União para uma Política Social onde se daria os estudos mais importantes do campo, inclusive as pesquisas para uma política social dirigidas por Max e Alfred Weber entre 1909 e 1911. Os temas das pesquisas eram sobre salário e produtividade; transporte e atividades de lazer; as ocupações das quatro últimas gerações familiares (para verificar a herança); história ocupacional, vida familiar etc. Os trabalhadores, em geral, se negavam a responder ao questionário, foi necessário Marie Bernays se infiltrar e trabalhar na fábrica durante quatro meses para obter algum resultado. De qualquer maneira, os resultados dessa pesquisa foram pouco conclusivos (PINTOR, 1995).

Não podemos esquecer de mencionar o obra do estudioso alemão Adolf Levenstein, intitulada *O problema da classe trabalhadora* e publicada em 1912. Foi uma pesquisa que cobriu 63% dos oito mil trabalhadores têxteis, metalúrgicos e mineiros. O questionário continha 26 perguntas e a maior parte dos itens relacionados a antecedentes socioeconômicos, fadiga e monotonia no trabalho, desejos e expectativas, questões culturais e políticas. O principal resultado da pesquisa foi que a maioria dos trabalha-

dores preferia mudanças graduais do que revolucionárias (OBERSCHALL, 1965).

A industrialização já havia se afirmado na sociedade ocidental no começo do século XX, como a uma forma social única conhecida como organização formal ou burocrática. Max Weber colocou o estudo organizacional na ordem do dia e na época da sua morte em 1920 seu trabalho já era reconhecido e estabelecido como campo de estudo para o desenvolvimento de uma agenda cheia em pesquisa e teoria sobre organização formal e burocrática. Apesar de a análise de Weber sobre burocracia tomar outros rumos fora do seu controle e se misturar com as condições patológicas da modernidade associada à secularização, racionalização com ênfase nos valores do mercado, muitos estudos no começo do campo da sociologia industrial e organizacional não adotaram necessariamente a perspectiva latente e crítica de Weber. Certamente foram os estudos da Western Electric que mostraram mais amplamente a relação entre a eficiência no trabalho e a organização burocrática (FISHER & SIRIANNI, 1984; PARSONS, 1937).

A pesquisa na Companhia Western Electric e o “Efeito Hawthorne”.

Nos Estados Unidos, a pesquisa sobre as condições de trabalho começa dentro da mais pura linha taylorista para culminar nos experimentos nas oficinas de Hawthorne da Western Electric Company, em Chicago, sob a direção de Mayo, onde 29 mil empregados, representando sessenta nacionalidades, produziam campainha para o sistema de equipamento telefônico (GRINT, 1998). Esses experimentos, de 1927 a 1932, colocam em questão os princípios básicos do taylorismo: a motivação econô-

mica no trabalho e os determinantes físicos da produtividade. A descoberta da importância das relações informais no trabalho, o papel do grupo como mecanismo de identificação e controle e a necessidade de novos estilos de supervisão abriram os caminhos para a pesquisa em três direções: as “Relações Humanas”, focando as relações entre supervisores e empregados; o estudo de grupos de trabalho e liderança na linha de pesquisa do *Institute for Social Research* da Universidade de Michigan, fundado em 1946; e a “Nova Escola das Relações Humanas”, batizada por Goldthorpe, na qual a realização do indivíduo na vida depende de sua realização no trabalho (PINTOR, 1995). Para Grint (1998), as características técnicas do taylorismo não vão de encontro essencialmente às implicações sociais das relações humanas, pois ambas são tecnocráticas na orientação, sendo que a abordagem das relações humanas é mais crítica no que diz respeito ao modelo taylorista da eficiência organizacional, ou seja, considera a interação social e não o dinheiro, o motivador primário no trabalho.

Esses estudos levaram ao chamado “efeito Hawthorne”, o fato de que as pessoas alteram seu comportamento quando sabem que estão sendo observadas. As pesquisas na Western Electric estavam preocupadas em entender sob que condições a produtividade e eficiência do trabalhador podem aumentar. As condições físicas no trabalho, tais como iluminação e outros fatores, como as horas trabalhadas ou salários e benefícios, eram ajustadas para ver como tais variações impactariam a produtividade dos trabalhadores. Surpreendentemente, quase todas condições experimentais impostas aos trabalhadores produziram o mesmo efeito: a produtividade aumentou. Por causa de toda essa atenção de-

dicada aos trabalhadores na organização pesquisada, um senso maior de importância e obrigação, um esforço maior do que o usual estavam sendo canalizados num “bom espetáculo” para os pesquisadores. A descoberta de que as atitudes dos trabalhadores têm um profundo impacto na produtividade e eficiência levaram a uma nova ênfase implantada na organização social da burocracia e especialmente na natureza da gestão – relações dos empregados (GOULDNER, 1946).

Nos anos de 1930, Elton Mayo (1933) colocou os resultados dos estudos de Hawthorne em prática com seu programa de gestão de relações humanas. Na sua essência, a **sociologia industrial** foi edificada nas descobertas a partir de Weber até os experimentos de Hawthorne na década de 1920 e através das práticas e teorias da nova gestão na década de 1930, na amplidão das forças sociais que foram desencadeadas com a emergência da civilização industrial. A Sociologia estava então, bem posicionada a contribuir substancialmente para o entendimento e operação eficiente da burocracia, uma vez determinada que a natureza do grupo e relações humanas estavam intimamente ligadas à motivação do empregado, à produtividade e à satisfação no trabalho. Entre os meados de 1930 e começo da década de 1950, o interesse dentro da sociologia nos assuntos concernentes ao trabalho, indústria e burocracia cresceram enormemente. Por exemplo, em 1946, a Sociedade Americana de Sociologia criou uma seção especial sobre a **Sociologia Industrial** (CRISS, 2001).

A evolução da Sociologia Industrial.

Durante as primeiras décadas do século XX, os intelectuais estavam bastante focados nos efeitos indesejáveis da

industrialização e urbanização. Uma preocupação geral com os problemas sociais do cotidiano ligada a essas tendências da modernidade aparecia no meio dos problemas de cidadania e das proeminentes formas progressivas dos movimentos socialistas. Durante a década de 1920, uma outra forte orientação na sociologia começou a se desenvolver numa tentativa de legitimá-la como ciência positivista (ABBOTT, 1999). A maior preocupação da sociologia positivista era a de coletar dados e “fatos” sobre o mundo social empírico ao invés de construir juízos de valor sobre o mundo e a tentativa de moldá-lo corretamente (LIPSET, 1955). De acordo com Lipset (1955), existia um sentimento de que a sociologia deveria aspirar a criação de uma teoria sistemática para ser aplicada como categoria central analítica da organização social. Havia uma discordância sobre os métodos positivistas e a ênfase na valorização das medidas quantitativas, e a tendência positivista de transformar a sociologia em demasiada técnica em detrimento ao desenvolvimento sistemático da teoria sociológica. Os métodos quantitativos ficaram conhecidos pejorativamente por *empirismo abstrato*. No começo da década de 1930 parecia existir um acordo sobre a importância da centralidade na compreensão da comunidade como sistema social. Esse evento coincidiu com a Grande Depressão que causou a desorganização social a muitas comunidades, levando-as à indigência e, subsequente emergência do welfare state. Com isso, estudos concretos sobre grupos específicos da depressão foram substituídos por estudos que tentavam explicar as inter-relações funcionais da comunidade inteira.

Lipset (1955) argumenta que os seguidores de Lynd (1929) tendiam a enfatizar a necessidade dos estudos empí-

ricos, os quais assumiam a inter-relação funcional de todos os comportamentos sociais, mas que eram orientados pelas pressões dentro do sistema social. Por outro lado, a corrente de MacIver (1917) enfatizava a necessidade de mais teoria sistemática ao que concerne à operacionalidade do sistema social. Ao mesmo tempo, o conjunto teórico de Talcott Parsons¹ (1937), na linha funcionalista, foi se tornando o enfoque teórico mais aceito na sociologia em geral.

Como já foi mencionado anteriormente, a emergência da sociologia industrial foi caracterizada pela apropriação das ideias de Weber no que concerne a estrutura e características das organizações formais. Esses trabalhos enfatizavam a noção de Weber de que a burocracia representava a forma mais racional e eficiente de relações sociais para alcançar os objetivos específicos da organização. Nos anos de 1940, Parsons e seus seguidores desenvolveram a teoria funcionalista dentro dos mais altos padrões e perspectivas da sociologia. O funcionalismo que visava a identificação das estruturas e processos de várias partes da sociedade os quais, através de suas funções próprias, se encarregam de contribuir com a manutenção da sociedade como um todo, com ênfase extrema na ordem social e na importância do compartilhamento das normas e valores para a manutenção de tal ordem.

¹ **Talcott Parsons**, sociólogo norte-americano, influenciou três gerações de sociólogos, formou-se no Amherst College, onde se dedicou principalmente a estudos de biologia. Na London School of Economics, estudou com Hobhouse e Ginsberg, além do antropólogo Malinowsky. Doutorou-se em 1927 pela Universidade de Heidelberg, Alemanha. Em 1928 assumiu a cadeira de economia em Havard e tornou-se membro do departamento de sociologia, cujo presidente era Sorokin. Em 1946 tornou-se chefe do novo Departamento Interdisciplinar de Relações Sociais da Universidade de Havard.

Em 1940, Robert Merton publicou um ensaio muito importante intitulado *Bureaucratic Structure and Personality*, no qual resumiu a descrição e caracterização da chave analítica da burocracia moderna de Weber. É importante ressaltar que Weber foi uma grande influência no trabalho de Merton graças, em grande parte, à Talcott Parsons, já que Merton foi aluno de Parsons em Harvard nos anos de 1930 e, que o próprio Parsons foi o sociólogo que mais divulgou os escritos de Weber na América. Foi Parsons que, em 1930, traduziu *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* de Weber, publicado originalmente em 1904-1905. Depois, em 1937, Parsons produziu um extenso tratado sobre o trabalho de Weber *A Estrutura da Ação Social*.

Apesar de Merton ter sido influenciado por Parsons e pela sua leitura de Weber, Merton sempre manteve uma perspectiva crítica sobre o funcionalismo ortodoxo e, principalmente sobre os elementos críticos latentes no pensamento de Weber os quais foram quase que totalmente negligenciados por Parsons. A interpretação Parsoniana sobre Weber exagerou as diferenças com Marx em muitas áreas e às vezes com tendência a apresentar Weber como uma espécie de anti-Marx. Então, Merton levantou uma crítica corretiva do funcionalismo ortodoxo Parsoniano com distinções entre funções manifestas e latentes, especialmente introduzindo o conceito de “disfunção”, que são as consequências observadas, as quais diminuem a adaptação ou ajustamento do sistema (WRONG, 1981).

No entender de Coleman & Cressey (1996), Merton foi além da mera reprodução das características das organizações formais de Weber, com sua discussão sobre as “disfunções” da burocracia. Ele argumentou que desde que a buro-

cracia existe para estabelecer os objetivos, pressuposto do comportamento dos atores na organização, é assegurada pelo critério técnico como manifestação organizacional, uma divisão do trabalho altamente refinada, uma cadeia de comando explícita e objetividade e impessoalidade ao lidar com os funcionários. Esta aderência às regras, originalmente estabelecida como um significado eficiente para o cumprimento das tarefas da burocracia, eventualmente se torna um fim em si mesmo, dando lugar à disfunção organizacional que veio a ser conhecida como “deslocamento de objetivo”, ou seja, o deslocamento dos objetivos organizacionais para longe do propósito original, quando um empregado faz alguma coisa que interfere no cumprimento dos objetivos da organização com o intuito de proteger seu emprego. Da mesma forma, a disciplina, que é valorizada porque presumivelmente assegura a conformidade com as regulações organizacionais, é transformada num valor imediato da organização de vida do burocrata. Por conseguinte, a personalidade burocrática é aquela que tende ao ritualismo na sua obsessão com regras e disciplina onde a ênfase no procedimento e regras efetivamente desloca o objetivo original de toda a organização.

De acordo com Crothers (1990), através da utilização do potencial crítico da teoria weberiana, Merton elaborou uma perspectiva crítica sobre estudos organizacionais sem ter que invocar Marx e ao mesmo tempo mantendo os padrões da teoria funcionalista. Da mesma forma, seus seguidores Selznick, Gouldner, Blau, Lipset, entre outros, desenvolveram um entendimento mais sistemático e mais empiricamente estruturado, do que uma compreensão meramente especulativa da burocracia.

Observamos bem a influência de Merton no artigo de Gouldner intitulado *Discussion*, publicado em 1948 no *American Sociological Review*, no qual Gouldner critica com veemência o trabalho *Industrial Sociology: Status and Prospects* de Wilbert C. Moore, de 1948. Gouldner afirma que Moore e outros acadêmicos tendiam a reproduzir uma apropriação não crítica do trabalho de Weber e sugere que a teoria de Weber tinha atingido um patamar tão alto entre os sociólogos que eles terminaram por permitir que a teoria embotasse a percepção sobre as organizações, de tal forma que isto os impedia de perceber o que estava realmente acontecendo. Gouldner reitera que a apropriação padronizada de Weber explicaria que os empregados da burocracia valorizam tanto as regulações e rotinas das suas tarefas que tendem a perder de vista os objetivos organizacionais mais amplos, o que os leva ao acúmulo de trabalho e atraso no atendimento aos clientes da organização. De acordo com Gouldner, a uniformidade das explicações sobre a teoria weberiana e atenção inadequada aos problemas empíricos, nos mostram claramente que os sistemas teóricos alternativos não estão sendo suficientemente explorados no intuito de determinar o que podem nos oferecer em relação à compreensão do problema. Ou seja, Gouldner propõe que o comprometimento com um único sistema teórico, apartado do exame empírico do problema no qual está sendo aplicado, é tão perigoso quanto uma pesquisa sem teoria. Portanto, Gouldner adverte aos sociólogos da nova disciplina em ascensão, a **sociologia industrial**, que não negligenciem a pesquisa empírica em favor de uma mera aceitação passiva de teóricos clássicos como Weber, sugerindo que adotassem uma orientação crítica em relação à teoria e problemas asso-

ciados com a aceitação acrítica do conhecimento teórico.

De acordo com Crothers (1998), Gouldner foi fortemente influenciado pela ênfase na pesquisa empírica de Merton como um complemento necessário para a teoria, pelos seus escritos sobre estrutura burocrática e pela sua teoria sobre o local versus influências cosmopolitanas. Em relação à pesquisa empírica, muitos dos mais importantes estudos da Universidade de Columbia sob a supervisão de Merton durante a década de 1940 e 1950 tiveram um enfoque de estudo de caso e incluíram ampla investigação de cada organização através da observação extensiva e levantamento de documentação organizacional como também algumas entrevistas.

Considerações finais

O trabalho de Weber enfatizava que a burocracia era a forma mais racional e eficiente de ordenar as relações sociais para propósitos de atingir os objetivos das organizações formais modernas. Os funcionalistas, especialmente Parsons, também adotaram esta noção e enfatizaram que a burocracia moderna é um sistema de limite de manutenção que busca atingir objetivos específicos. Mas, funcional para quem? E para que? Weber e os funcionalistas viam essas funções preenchidas ou perseguidas pela organização como um todo, sem perceber que várias partes da organização pode, certamente e quase sempre, buscar diferentes, e, às vezes, objetivos incompatíveis (GOULDNER, 1954).

Portanto, a herança que recebemos do *mainstream* da **sociologia industrial**, tenta mostrar o equilíbrio precário entre as duas forças antagônicas, de um lado um corpo teórico sólido baseado em pesquisa empírica para evitar problemas

de relativismo, enquanto, do outro lado, assegurando que a teoria é suficientemente auto-reflexiva e auto-crítica, para evitar os perigos da cegueira clientelista e *partisan*² ou sucumbir aos desmandos de figuras autoritárias.

Referências

ABBOTT, A. **Department and discipline: Chicago sociology at one hundred.** Chicago: Chicago University Press, 1999.

ARON, Raymond. **Dezoito lições sobre a sociedade industrial.** Brasília: Martins Fontes/Ed da UNB, 1981.

COLEMAN, J. W. & CRESSEY, D. R. **Social problems.** New York: Harper Collins, 1996.

CRISS, James. **Alvin W. Gouldner and the Industrial Sociology at Columbia University.** Sociology & Criminology Faculty Publications, 2001.

CROTHERS, C. **The dysfunctions of bureaucracies: Merton's work in organizational sociology.** In J. Clark, C. Modgil, & S. Modgil (Eds), Robert K. Merton: Consensus and controversy (pp. 193-226). London: Falmer Press, 1990.

CROTHERS, C. **Patterns of manifest and latent influence: A double case study of influences on and from K. Merton.** In: C. Mongardini & S. Tabboni (Eds.), Robert K. Merton and contemporary sociology (pp. 197- 210). New Brunswick: Transaction Publishers, 1998.

FISHER, F. & SIRIANNI, C. **Critical studies in organizational and bureaucracy.** Philadelphia: Temple University Press, 1984.

GOULDNER, A. W. **Basic personality structure and subgroup.** Journal of Abnormal and Social Psychology, 41, 356-358, 1946.

GOULDNER, A. W. **Discussion.** American Sociological Review, 13, 396-400, 1948.

GOULDNER, A. W. **Patterns of industrial bureaucracy.** Glencoe: Free Press, 1954.

GRINT, Keith. **Sociologia do Trabalho.** Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1998.

LIPSET, S. M. **The department of sociology.** In: R. G. Hoxie (Ed.) A history of the faculty of political science, Columbia University (pp. 284-303). New York: Columbia University Press, 1955.

LYND, R. S. & LYND, H. M. **Middletown: A study in American culture.** New York: Harcourt Brace, 1929.

MacIVER, R. M. **Community: A sociological study.** London: Macmillan, 1917.

² O substantivo masculino francês *partisan* originou-se do italiano *partigiano* que significa pessoa devotada à uma organização, à um partido, à um ideal, à uma pessoa, etc. Também usado para designar combatente voluntário que não pertence a um exército regular. Como adjetivo, *partisan de* é utilizado para se referir à uma pessoa favorável à algum projeto, ideal, pessoa, etc. Seu uso pejorativo foi generalizado significando “tomar partido” ou “ser inspirado pelo espírito de partido” (Dicionário Petit Larousse). O adjetivo também é sinônimo de “injusto”, ou seja, apoiar lealmente uma pessoa, princípio ou partido político sem considerar ou julgar o problema cuidadosamente. O substantivo também pode se referir à soldado, membro de uma força armada secreta cujo objetivo é de lutar contra o inimigo que está controlando o país (Cambridge International Dictionary of English). O termo foi utilizado na Segunda Guerra Mundial para designar membro de grupo de civis armado engajado em combater inimigos dentro de território ocupado (The Random House Dictionary).

MAYO, Elton. **The human problems of an industrial civilization.** Cambridge MA: Havard University Press, 1933.

MERTON, R. K. **Bureaucratic structure and personality.** Social Forces, 18, 560-568, 1940.

MILLER, D. C., & FORM, W. H. **Industrial Sociology.** New York: Harper and Brothers 1964.

MOORE, W. C. **Industrial sociology: Status and prospects.** American Sociological Review, 13, 382-391, 1948.

OBERSCHALL, Anthony. **Empirical Social Research in Germany, 1848-1914.** Paris: Mouton, 1965.

PARSONS, T. **The structure of social action.** Glencoe IL: Free Press, 1937.

PINTOR, R. L. **Sociología industrial.** Madrid: Alianza Universidad Textos, 1995.

ROETHLISBERGER, F. J. & DICKSON, W. J. **Management and the worker.** Cambridge, Mass.: Havard University Press, 1939.

ROSE, M. **Industrial Behaviour: Theoretical Development since Taylor.** Londres, Inglaterra: Allen Lane, 1975.

SCHNEIDER, E. V. **Sociologia Industrial.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

WRONG, D. H. **Max Weber and the contemporary sociology.** In B. Rhea (Ed.), The future of sociological classics (pp. 39-59). London: Allen & Unwin, 1981.